

II SEMINÁRIO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS: IMPLICAÇÕES PARA O NORDESTE

Carta de Fortaleza

26 de novembro de 2008

1. Introdução

O “Segundo Seminário sobre Mudanças Climáticas: Implicações para o Nordeste” reuniu pesquisadores, técnicos, especialistas e representantes da sociedade civil, entre 24 e 26 de novembro de 2008, na cidade de Fortaleza, Ceará. Os participantes tomaram conhecimento das constatações e previsões hoje disponíveis sobre mudanças climáticas e discutiram as implicações dessas mudanças para o Nordeste e especialmente para o Semi-árido.

Alertados e conscientizados sobre a gravidade das expectativas de mudanças climáticas globais e de suas conseqüências, os participantes resolveram escrever esta “**Carta de Fortaleza**” e apresentá-la aos representantes de governo e da sociedade durante a “Primeira Conferência Regional sobre Mudanças Climáticas e o Nordeste” e a instalação da “Comissão Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos das Secas”, em 26 de novembro de 2008.

2. O Desafio

Mudanças climáticas causadas pela atividade humana no planeta estão acontecendo e maiores mudanças estão por vir. O Semi-árido é a região mais vulnerável, em virtude do clima atual e da pobreza. São os pobres que têm menos capacidade de adaptação ao clima presente e futuro. O desafio é como a sociedade e os governos enfrentarão os impactos dessas mudanças.

Estamos chamando a atenção urgente dos dirigentes dos governos, dos planejadores, das lideranças do setor privado e da sociedade civil, bem como da mídia e da população em geral para este desafio enorme que o Nordeste e as áreas susceptíveis a desertificação terão que enfrentar.

3. Cenários de Mudanças de Clima

- *Cenários Globais*

Existe consenso na ciência e em número crescente de tomadores de decisão sobre estar-se diante de um problema gravíssimo. Na realidade, o aquecimento global é um fenômeno aceito pela comunidade científica mundial, como atesta o IV Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), de 2007.

A temperatura média da Terra aumentou meio grau centígrado nos últimos 50 anos. Os resultados da maioria dos modelos de circulação global coincidem em prever um aquecimento entre 2 e 6 graus C até o final do século XXI. Há consenso, no âmbito do IPCC, de que essas mudanças se estão acelerando e decorrem de atividades humanas.

Muitos dos impactos antecipados pela ciência já estão sendo observados, superando os piores prognósticos. As geleiras no Ártico, no Antártico e nas montanhas da África, das Américas, da Europa e da Ásia estão descongelando. Em conseqüência, o nível do mar já começa a subir em algumas regiões e poderá elevar-se em cerca de 40 centímetros até o final do século.

Mais grave ainda, as terras congeladas, no norte da Europa, Ásia e América, estão descongelando, com o agravante de que esse processo libera gases adicionais para a atmosfera.

As previsões incluem também maior freqüência de eventos extremos em todos os continentes, como secas, enchentes, ondas de calor e furacões. Globalmente, as regiões semi-áridas, onde vive a maior parte das pessoas mais pobres do planeta, são as mais vulneráveis.

Esses processos terão forte impacto sobre a disponibilidade de recursos hídricos na terra, afetando bilhões de pessoas.

- Cenários para o Nordeste e o Semi-árido

Os modelos de mudanças climáticas convergem sobre a ocorrência de temperaturas mais altas no Nordeste. Isto implica maior evaporação de água e transpiração das plantas e, portanto, em aumento do déficit hídrico, menor umidade do solo e maiores índices de aridez.

As secas e as enchentes serão mais frequentes e mais intensas. Haverá maior ocorrência de veranicos e estes poderão ser de duração mais longa. Certas áreas hoje caracterizadas como “sub-úmidas secas” poderão tornar-se semi-áridas, e as semi-áridas áridas. Algumas sub-regiões do Semi-árido onde se pratica hoje agricultura de subsistência não permitirão mais esse tipo de atividade.

O aumento do nível do mar afetará as costas do Nordeste, incluindo cidades, mangues e lugares de importância turística.

4. Impactos no Nordeste

As mudanças do clima terão severos impactos sobre uma região que já vem sofrendo repetidos transtornos climáticos e é caracterizada pela pobreza de boa parte da população urbana e rural. As mudanças tenderão a aumentar os problemas de clima, solo e água e dificultarão a vida das pessoas, especialmente dos grupos mais vulneráveis. Se o acesso à água já era desigual, a maior escassez de água exacerbará esta desigualdade.

Já é possível apontar uma série de impactos ambientais, econômicos e sociais. Degradação ambiental e desertificação ocorrerão de forma mais ampla e intensa. Perdas de solos (física, química ou biológica) e de biodiversidade serão aceleradas. A capacidade de suporte dos ecossistemas será ainda mais comprometida e a oferta de água sofrerá deterioração em termos de quantidade, qualidade e regularidade.

Atividades econômicas serão afetadas em vários setores, dos quais vale destacar a agricultura e pecuária, mineração, indústria, hidroenergia e turismo. Áreas aptas para culturas de subsistência serão reduzidas, culturas irrigadas precisarão de mais água, o espaço para a agroindústria será diminuído e a produtividade de culturas e pastagens em geral será afetada. Áreas desertificadas serão abandonadas, aumentando a pressão sobre terras marginais, comprometendo ainda mais a qualidade ambiental dos ecossistemas e dos recursos naturais.

Na ausência de esforços eficazes para adaptação ao novo clima, o abastecimento de água limpa para consumo humano, no meio rural e nas cidades, sofrerá impactos severos. Certos vetores de doença se deslocarão no território. Enchentes ameaçarão vidas e propriedades com maior frequência.

O êxodo rural para as cidades aumentará e ampliará o leque de problemas sociais associados. Aumentarão a pobreza e a fome. No interior, haverá impactos sobre a cultura tradicional e sobre a auto-estima dos que ficam no campo.

Tudo isto ocorrerá em uma região já muito flagelada pelas secas e enchentes e pela pobreza atuais. O Nordeste, e em particular o Semi-árido, é a área mais vulnerável do Brasil frente aos impactos das mudanças climáticas. É previsível que a população pobre venha a sofrer as conseqüências mais do que outros grupos e, ao mesmo tempo, estará menos preparada a adaptar-se às mudanças.

5. Como enfrentar o desafio?

As mudanças climáticas e seus impactos não ocorrerão de imediato, embora alguns efeitos já possam ser percebidos. É preciso adotar uma visão de futuro, iniciando desde já o planejamento de o curto, médio e longo prazo. As atitudes, estruturas, hábitos e tecnologias atuais dos atores e da sociedade não mudarão rapidamente. Portanto, não há tempo a perder para planejar e

implementar as estratégias necessárias para reduzir a vulnerabilidade e aumentar a capacidade de adaptação regional às mudanças. O custo de não agir imediatamente será muito alto.

- Conhecimento e Informação

É preciso melhorar o conhecimento das mudanças, de seus impactos e das políticas de adaptação e mitigação. É preciso avançar nas pesquisas, nos estudos e no monitoramento do clima, meio ambiente e recursos naturais.

- Políticas Públicas

As ameaças das mudanças climáticas reforçam a necessidade de promover o desenvolvimento sustentável no Nordeste. A gestão dos recursos naturais – terra (incluindo a questão fundiária), solos, água, cobertura vegetal – e do meio ambiente em geral ganha uma tremenda importância adicional. Se a gestão dos recursos hídricos no Semi-árido já era um desafio, torna-se agora mais urgente. Se a desertificação já era uma preocupação, as mudanças climáticas demandam que se multipliquem os esforços para combatê-la. Do mesmo modo, é necessário avançar na gestão da terra.

Serão exigidos de todos grandes esforços de adaptação. É primordial fortalecer a capacidade adaptativa, especialmente dos pobres, através da educação e da capacitação profissional.

Para enfrentar os impactos previstos, são necessárias instituições públicas eficazes, começando pela capacidade de pesquisar e planejar, continuando com a gestão dos recursos hídricos e dos outros recursos naturais, serviços de saúde eficazes, uso do solo urbano e rural, e educação inclusiva de qualidade que capacite os jovens a participar com sucesso no mercado de trabalho.

É necessário promover o conhecimento, a produção e disseminação de informação sobre as mudanças climáticas globais e suas implicações na região, e sobre a eficácia e eficiência de respostas governamentais e da sociedade para enfrentar essas mudanças. Para isto, é fundamental o envolvimento da mídia, da academia e dos formadores de opinião.

A Ciência e a Tecnologia devem ser colocadas a serviço do desenvolvimento sustentável regional.

6. Apelo

Os participantes do *2º Seminário sobre Mudanças Climáticas e o Nordeste* apelam aos governantes, às lideranças da sociedade civil e do setor privado e à mídia para que tomem conhecimento e dêem maior atenção aos cenários emergentes e aos graves impactos das mudanças climáticas que ameaçam as condições de vida na Região Nordeste.

Convocam todos a empregarem o melhor de seus esforços e recursos para planejar e implementar ações que levem ao desenvolvimento sustentável da Região, fortalecendo a capacidade de adaptação da sociedade, da economia e do meio ambiente e contribuindo, ao mesmo tempo, com os esforços de mitigação voltados para reduzir as causas dessas mudanças.

Lembram a necessidade de implementar, de maneira integrada, programas já existentes, voltados para promover a sustentabilidade regional, tais como o Plano Nacional de Combate à Desertificação e o Plano Nacional de Recursos Hídricos.

Apelam aos responsáveis pela formulação e implementação de políticas públicas de interesse regional, estadual, municipal e setorial para que incorporem a dimensão do clima e das mudanças climáticas e seus impactos no planejamento e na implementação de planos e programas de desenvolvimento sustentável.